

Cónego ANTÓNIO FRANCO INFANTE



CULTO MARIAL

NA DIOCESE DE
PORTALEGRE-CASTELO BRANCO



“E os fiéis lembrem-se de que a verdadeira devoção não consiste numa emoção estéril e passageira, mas nasce da fé que nos faz reconhecer a grandeza da Mãe de Deus e nos incita a amar filialmente a nossa mãe e a imitar as suas virtudes”.

— Conc. Vaticano II

Editorial SPES

COTA 35/INF
NOCLEO CINCUENTA
REGISTRO 452 Fondo
Local
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE NISA

Cónego António Franco Infante

Culto Marial
na Diocese de
Portalegre
e
Castelo Branco

NADA OBSTA

VIGÁRIO GERAL

Cónego Anacleto Pires da Silva Martins

Portalegre, 23 de Outubro de 1985



Editorial SPES

Abrindo...

*F*oi em 1946 → ano em que festivamente se comemorou o Tricentário da proclamação da Padroaria do Império Português feita por D. João IV em 1646 → que nasceu a ideia de se elaborar o Culto Marial na Diocese de Portalegre e Castelo Branco. Há, portanto, 36 anos!

Essa ideia foi lançada por Monsenhor José Maria Félix na imprensa diocesana, tendo, para o efeito, redigido um elucidativo formulário — questionário, a fim de facilitar aos párocos a efectivação do trabalho que se pretendia.

As respostas do clero não foram além de 50% e, com algumas excepções, pouco significativas quer do ponto de vista histórico, quer artístico e estimativo.

Quase um ano depois, Monsenhor José Maria Félix enviava-me para Portalegre toda a correspondência recebida dos párocos, publicando na imprensa diocesana que eu era o "herdeiro do sonho lindo" que ele tivera e lançara em forma de letra redonda, ficando eu com o encargo de o tornar realidade.

De 1947 a 1954 pouco pude fazer, absorvido de múltiplas actividades não só paroquiais mas diocesanas e assistenciais, cuja enumeração omito, em virtude de a

considerar fastidiosa e sem interesse para a índole deste livro. No entanto, aos pouquinho, elaborei os concelhos de Portalegre e Castelo de Vide.

De 1954 a 1966 agudizaram-se ainda mais as dificuldades, por motivo da minha ida para Lisboa, com os onerosos encargos de assistente eclesiástico de vários Organismos Gerais da Acção Católica Portuguesa.

De 1967 a 1977 adoei gravemente com um esgotamento cerebral simultâneo com um depauperamento físico geral, ficando inibido de quaisquer actividades mentais e pastorais. Durante esse período, limitei-me a peregrinar por vários consultórios médicos, com vista a uma recuperação muito morosa, comparando-me eles a "um relógio ao qual se está acabando a corda".

Algo refeito do precário estado de saúde, em 1977 quis meter mãos à obra, mas não conseguí encontrar o material que Mons. José Maria Félix me havia remetido. Nova dificuldade surgia. Passei a fio toda a minha biblioteca, sem nada encontrar, convencendo-me de que com as minhas andanças de Portalegre para Lisboa e para Alcains, havia perdido o material recolhido, o que aliás sucedeu com várias partiururas, colecções de jornais e revistas de muito interesse e todas anotadas por mim.

Que fazer então? Calar-me? Se, por um lado, me envergonhava de dizer publicamente que tudo se havia perdido, por outro lado repugnava-me o silêncio. E fiquei perplexo sobre a atitude que devia tomar, inclinando-me todavia para a negativa, aconselhada pela minha idade avançada e pelo condicionalismo familiar muito precário.

Em 1982 resolvi queimar muitos livros desactualizados, blocos de apontamentos de espiritualidade, esquemas de conferências, sermões, retiros, resoluções e propósitos íntimos, etc., — coisas que não interessavam a ninguém e que, após a minha morte, seriam reduzidas a cinzas. De tanto eu querer acautelar o material recolhido para o Culto Marial, tinha-o escondido por detrás duma estante de livros

escolares do meu tempo de seminarista, onde nunca mexia. E como queimei também esses livros, deparei, surpreendido, com a pasta de papelão que continha o material referido!

Desorientado com a surpresa do achado, expus o caso ao Sr. Bispo, D. Augusto César, animando-me ele a retomar (1) o trabalho e levá-lo até ao fim. Sua Excelência Reverendíssima tomou sobre si a iniciativa de mandar expedir uma circular a todos os párocos da Diocese, acompanhada de um guião de perguntas para recolha de elementos indispensáveis à feitura do livro em questão. Nem todos responderam, multiplicando-se a correspondência a meu encargo, e recorrendo-se, por necessidade, a uma actuação por transversais, sem falar da deslocação pessoal a bastantes localidades para recolha do que se pretendia.

Trabalho feito com gosto e amor, mas árduo do ponto de vista psíquico, pela passividade no domínio das respostas que nunca chegaram, e nós não podíamos inventar, pois tratando-se de feitura histórica, tivemos que amarar a ficção como era nossa dever. Prestaram-nos bom auxílio algumas monografias e memórias locais.

Nesta elaboração, não nos restringimos à catalogação e classificação dos santuários, igrejas, capelas, alares, imagens, lápides e outros sinais de marca marial em mármore, pedra, madeira, cerâmica, etc., sem dívida muito importantes, mas procurámos também trazer a lume as tradições, lendas, vancioneiros, quadras, devoções e costumes populares, uns cultos, outros ingénuos mas todos eles a palpitar de devoção à Virgem Mãe de Deus, como adiante se verificará, se não em quantidade pelo menos em qualidade.

Organizámos o trabalho por concelhos, começando pelas sedes. Fizemo-lo por duas razões: 1.ª porque as sedes de concelho têm uma grande projecção nos povos que a integram, seja em tradições, costumes, devoções, romarias, etc., seja em mentalidade e moralidade; 2.ª porque os arciprestados não coincidem com os concelhos, tendo estes,

geralmente, afinidades comuns, enquanto que vários daqueles são heterogêneos.

Segundo o novo Código de Direito Canônico, "pelo nome de santuário entende-se a igreja ou outro lugar sagrado aonde os fiéis, por motivo de piedade, em grande número acorrem em peregrinação, com a aprovação do Ordinário do lugar" (Can. 1230), entendendo-se por igreja "o edifício sagrado destinado ao culto divino..." (Can. 1214), portanto todas as capelas públicas; enquanto que são designadas capelas particulares as que se destinam "ao culto divino, em favor de uma ou mais pessoas físicas" (Can. 1226), e chamados oratórios os lugares destinados "ao culto divino em favor de alguma comunidade ou grupo de fiéis que neles se reúnem..." (Can. 1223).

Todo o trabalho deste livro estava quase pronto quando entrou em vigor o novo Código de Direito Canônico, por isso seria muito oneroso mudar a designação de capelas em igrejas, tratando-se, como é óbvio de capelas públicas. As capelas particulares são sempre mencionadas com essa designação, bem como são referidas as que pertencem a comunidades religiosas, agora chamadas oratórios. Às vezes, em sentido amplo, aparece o nome de santuário aplicado a algumas igrejas e capelas, mais para evitar a monotonia da repetição do nome, do que para distinguir o lugar sagrado.

Resta-me agradecer a quantos me ajudaram neste trabalho, alguns dos quais já partiram para o Dia Sem Ocaso ou da Grande Novidade. Outros vivem, trabalhando fervorosamente na messe do Senhor ou levando a sua cruz. Não menciono os seus nomes, com receio de omitir algum, mas peço fervorosamente à Virgem Maria, que a todos — a eles e a mim — olhe com olhar de MÃE NOSSA e abençoe com poderes de MÃE DE DEUS, contabilizando todas estas letras como expressão de muito amor filial.

O autor

(1) — Digo, resumir, porque já tinha elaborado, nos poucochinhos, os concelhos de Portalegre e Castelo de Vide.

Prefácio

1. **A VIRGEM MARIA, MÃE DE DEUS**, não aparece na História da Salvação, somente a partir da sua maternidade divina, ocorrida em Belém há 1985 anos, aquando do nascimento de Jesus Cristo. Não! Ela antecede a História, a Proto-História e a Pré-História, portanto os períodos do neolítico, do megalítico, do epipaleolítico, etc., que remontam a vários milênios A.C. e se estendem na bruma dos séculos.

Encontramo-la no início da criação do Mundo, logo após a queda de Adão e Eva, prefigurada na MULHER oposta em fidelidade, integridade e santidade à Eva infiel, prevaricadora e corruptora. Assim o afirma a Sagrada Escritura naquele passo em que Deus se dirige à serpente tentadora (2) nestes termos: "Porei inimizades entre ti e a mulher, e entre a tua posteridade e a posteridade dela. Ela te pisará o cabeça e tu armarás trações ao seu calcão" (Gen. 3, 15).

Assim, Maria é a prometida desde a criação do mundo e a sempre esperada, desejada e já amada pelas gerações que a precederam no Antigo Testamento. Sim é a MULHER por quem as gerações suspiram, embora não saibam o seu nome, nem o lugar e a data do seu nascimento. É A MULHER DA PROMESSA ou A GRANDE PROMETIDA.

As israelitas — ciosas das Sagradas Escrituras e conhecedoras da promessa do Génesis e das profecias messiânicas, principalmente da de Isaias em que ele anuncia à casa de David que *uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e o seu nome será Emanuel* (Is. 7, 10-14) ambicionavam, cada qual para si, a glória de pertencerem à genealogia humana de Nosso Senhor Jesus Cristo. Daí, considerarem também a esterilidade como um opróbrio ou desonra — uma espécie de maldição — que lhes flagelava a alma e o corpo. Cristo nasceria, de uma virgem do seu povo. Essa Virgem era Maria.

Quando chegou a plenitude dos tempos segundo os planos de Deus — naquele dia, a seguir imediatamente à suação do Anjo Gabriel que lhe anunciava a sua maternidade divina e lhe comunicava também que Santa Isabel, sua parenta, já idosa e estéril, ia ser mãe. Já a três meses Maria dirigiu-se apressadamente, através das montanhas, a casa da sua

parente. Quando, esta inspirada pelo Alto, a simfonia logo à entrada, exclamando em alta voz: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre", Maria respondeu-lhe com o cântico do *Magnificat* o mais belo de quantos saíram dos lábios humanos — dizendo: "... eis que, de hoje em diante, todas as gerações me chamarão bemaventurada".

Ora, todas as gerações são as de todos os séculos, lugares e idiomas. As expressões de louvor — pluriformas na iconografia, policromas na pintura, polifónicas na música e polivalentes na oração fervorosa tanto colectiva como individual — são uma constante do Culto Marial através de todas as gerações, com interesse não só no domínio da salvação mas também da civilização.

A este respeito, Daniel-Rops, da Academia Francesa, em *La Madone dans l'Art*, de A. Stubbe, pág. 7, diz o seguinte: "Quando, mais tarde, por exemplo daqui a mil anos, os historiadores estudarem a nossa sociedade ocidental do século XX, tal como nós hoje estudamos a dos Tempos Bárbaros ou do Oriente Bizantino, um facto não deixará de chamar a sua atenção: a importância do culto prestado à Virgem Maria, Mãe de Deus".

Daniel Rops tem toda a razão. Maria e o seu culto terão sempre estudiosos e devotos em todas as latitudes e em toda a parte a bendirão.

2. OS NOMES DA MÃE DE DEUS são quase incontáveis. A Igreja chama-lhe Virgem Maria, Santa Maria, Santíssima Virgem, Nossa Senhora, etc., multiplicando os seus títulos muito para além dos que integram a Litania Marial — um autêntico jardim de invocações, tiradas umas dos seus mistérios (Nossa Senhora da Conceição, da Apresentação, da Expectação, da Visitação, da Dores, a Soledade, etc.); tomadas outras dos lugares onde Ela apareceu (Nossa Senhora de Lourdes, de La Salette, de Fátima, de Jasmagora, da Aparecida, etc.); assumidas outras dos sinais com que se manifestou (Nossa Senhora da Estrela, das Lágrimas, da Neves, etc.); derivadas ainda outras das graças e privilégios que ela outorga ou confere aos homens, facilitando assim a salvação dos mesmos através de certas práticas devocionais (Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Carmo ou do Escapulário, Nossa Senhora das Graças, ou da Medalha Milagrosa, etc.).

A piedade popular aproxima-se d'Ela e invoca-a filialmente com a mente e o coração ora agradecido ora aflito, preferindo o título que mais sensibiliza o seu estado de alma ou maior alívio traduz para os seus problemas morais e materiais, não constituindo excepção, em termos de estima e veneração, aquelas imagens carregadas do peso da tradição de várias gerações, pois algo das mesmas gerações ficou colado às ditas

imagens, em duplicas, borboletas e lágrimas que por si só são orações para os vindouros.

Admitindo, embora, que na sucessão dos tempos se tenham introduzido algumas exercecências que exigem purificação, enganar-se-ia quem visse nesse cortejo peregrino multiseccular apenas um sandosismo sentimental, isto é, sem qualquer conteúdo doutrinal, talvez mesmo a roçar pela superstição como alguns afirmam. É verdade que as raízes por si só não são árvores, mas é igualmente certo que não há árvores sem raízes. Por isso mesmo, a opção colectiva de um povo ou de uma região pela estima e veneração de uma imagem de Nossa Senhora de certa invocação, poderá não passar de simples raiz ancestral — e isso já é um valor —, mas também pode ser uma árvore que brota dessa raiz, renovando-se através dos séculos e produzindo frutos sazonados e abundantes.

Mal andaríamos os que subestime esta religiosidade popular e pior fariam ainda aqueles que a desprezassem como expressão vazia ou óca. A propósito desta religiosidade popular mariana, citamos as palavras de João Paulo II dirigidas a um grupo de bispos do Chile.

São do seguinte teor:

"Conheço a importância e a grande afluência aos vossos inúmeros Santuários marianos, como, por exemplo, ao de La Tirana, de Andecollo, de Lo Vásques, de Mupu e à Basílica de Lirides em Santiago. Estes Santuários e a devoção popular que implicam, têm um significado denso, rico de perspectivas.

O significado desta religiosidade popular, que nas vossas dioceses é muito profunda, não se reduz simplesmente a uma expressão antropológica ou sociológica. Pelo contrário, trata-se de momentos de grande densidade de graça, em que o homem descobre de novo as suas raízes mais profundas e a base que as sustentam. Ao mesmo tempo sente-se estimulado à oração, à penitência e a variedade fraterna.

Nessa piedade popular ocorre com frequência que, juntamente com elementos às vezes superados e que devem purificar-se, haja outros que são expressivos de autêntica fé cristã. É, pois, necessário valorizar plenamente a piedade popular, purificá-la de indevidas incrustações do passado e fazê-la inteiramente actual. Isto significa evangelizá-la, ou seja, enriquecê-la de conteúdos salvíficos portadores do mistério de Cristo e do Evangelho.

É urgente, além disso, um profundo trabalho de discernimento na leitura das riquezas da vossa cultura popular. Para procurar perceber nela a presença do Senhor que estimule a enriquecê-la de conteúdos profundamente cristãos, aptos para um crescimento autêntico na fé. Assim esse povo e as comunidades de fiéis se sentirão mais perto de Deus, vendo valorizado tudo o que elas têm de genuíno ou de sementes da Palavra". Assim fala o Papa sobre a religiosidade popular

Não obstante a diversidade de títulos de Nossa Senhora, verificados em todo o mundo cristão — não só de país para país, mas dentro do mesmo, da mesma zona e do mesmo local —, o seu nome próprio é MARIA (3). Assim lhe chamou o Arcanjo S. Gabriel no momento histórico da Anunciação: "Não tenhas receio Maria, pois achaste graça diante de Deus" (Lc. 1, 30).

"Achar graça diante de Deus" é a maior de quantas o homem pode ter, como viador neste mundo. Usufrui-la com intermitências é indício de fragilidade humana, em que a malícia e a virtude se permutam sérias de vez em quando. Possui-la sempre e em plenitude foi privilégio de Maria, desde a sua Conceição. Só d'Ela, desde sempre e para sempre. A graça da maternidade divina que lhe foi conferida é extra-sacramental e extra-ecclesial, pois não há sacramentos nem poderes eclesiais que possam fazer de uma mulher Mãe de Deus. Tal dom ou privilégio insere-se no Mistério de Cristo e só nele encontra explicação. Daí deriva a excelcitude de Maria — excelcitude que a *Avé-Maria* canta; *Bendita entre todas as mulheres, e o Magnificat* louva nestes termos: *Bemaventurada me hão-de chamar todas as gerações* (Lc. 1, 42-48), como já atrás referimos.

3 — O CULTO MARIAL remonta aos primeiros séculos do cristianismo, e não anda apenas vinculado à História da Salvação — outros lhe chamam Economia da Salvação — mas também da civilização, como acima se disse. Isto, na medida em que Ela ocupa uma presença significativa na arquitectura, na escultura, na pintura, na literatura, na música, etc., (4). Escultores, pintores, escritores, poetas, maestros e artesãos de todos os tempos se inspiraram no Culto Marial, deixando-nos obras-primas em todos os estilos sobre Nossa Senhora. São mensagens de arte e religião, de estética e oração, sim, porque a imagem, a poesia e a música de inspiração cristã rezam por si mesmas. Têm uma linguagem diferente, conforme os estilos, e ainda bem que os artistas não quiseram copiar-se, pois cada século há-de imprimir a sua marca e deixar-nos a sua "personalidade" criativa. Diferentes na forma, inspirou-as a mesma fé e o mesmo amor à Virgem Maria Mãe de Deus.

Tendo a arte nascido das religiões dos povos — verifica-se isso nas pinturas e gravuras rupestres dos períodos pré-históricos, remontando, portanto, a muitos milénios antes de Cristo, — a arte cristã nasceu nos primeiros séculos do cristianismo, desenvolvendo-se inicialmente no Oriente, como é compreensível, pois foi ali que nasceu o Senhor Jesus Cristo e ali viveram aqueles que mais de perto contactaram com Ele: Nossa Senhora e os Apóstolos, contribuindo também para isso a cultura helenística, como substracto influente. Os ícones bizantinos da Virgem Maria que ainda se encontram no Oriente e nos países de Leste,

testemunham com eloquência a arte cristã e mariana nesses primeiros tempos do cristianismo.

Quando os ventos da heresia sopraram no Oriente, pretendendo diminuir a dignidade de Nossa Senhora, com a negação da sua maternidade divina, artefeceu o culto mariano e, com ele, a respectiva arte. Mas surgiram logo as reacções, por parte dos cristãos, como sucede em todas as épocas da História. O Concílio de Éfeso, terceiro ecuménico, efectuado na primeira metade do século V (431) redundou em grande apoteose prestada à Mãe de Deus. Foi verdadeiramente um Concílio mariano realizado na principal igreja de Éfeso, da qual era Orago a S.S. Virgem. Os cristãos feridos na sua piedade mariana, irromperam em delírio de aclamação, quando o Concílio definiu a maternidade divina de Nossa Senhora. S. Cirilo de Alexandria, que foi a principal figura do Concílio de Éfeso e o grande defensor da Mãe de Deus, viu, assim, nos hossanas da multidão, não só a resposta da sua piedade filial ofendida, mas também o seu vivo protesto contra a heresia de Nestório que foi bispo de Constantinopla em 428.

No entanto, como já referimos, com os ventos da heresia e o surto das religiões pagãs incrementadas pelos poderes oficiais, algo esmoreceu no amor e na piedade dos fiéis para com a Mãe de Deus, li no Oriente, onde, já antes do supradito Concílio havia igrejas que lhe eram dedicadas, como a de Éfeso na Ásia e a da Natividade na Palestina, — esta do tempo de Constantino —, e onde também já se celebravam festas da *Virgem Santa, da Mãe Gloriosa*, sendo a primeira no ano de 380 sob a invocação da *Memória da Mãe de Deus*, o que testemunha não apenas um culto individual mas colectivo e solene desde os primeiros tempos da Igreja.

No Ocidente o culto intensificou-se a partir do século VI e, com ele, a arte religiosa, inclusive a marial. Digo intensificou-se, porque a Mãe de Deus já era venerada no Ocidente nos primeiros séculos, sendo prova disso a igreja que S. Silvestre papa mandou erigir entre 314-335 junto do Foro Romano, no próprio lugar da deusa Vesta, em honra de Nossa Senhora, dando-lhe o nome de *Santa Maria Antiga*, invocação que ainda se mantém. Sisto III (432-440) fez de uma basílica já existente o santuário de Santa Maria Maior, em Roma.

Se, a partir do grande Dr. S. Cirilo de Alexandria, se multiplicaram no Oriente os apologetas da Mãe de Deus — S. Modesto de Jerusalém, S. Germano de Constantinopla, S. Andre de Creta, S. João Damasceno, etc., — no Ocidente surgiu também, desde o século IV, uma pléiade de escritores marianos, como S. Ambrósio de Milão, S. Ildefonso de Toledo, S. Gregório Magno, S. Gregório de Tours, S. Pedro Damiano, S. Martinho de Leão, S. Bernardo, etc., e que com os seus escritos muito contribuíram para a difusão do culto da Mãe de Deus.

Na medida em que se intensificava o culto mariano, a arte acompanhava-o com a sua plástica multiforme, apresentando tipos iconográficos dos vários estilos — bizantinos, romanos, góticos, renascentistas, barrocos e modernos — já que não há estilo algum especificamente religioso, mas sim uma temática religiosa em qualquer estilo — temática expressa em iluminura, escultura, pintura, fresco, mosaico, arquitectura, etc., denominada arte religiosa.

Foi nos livros canónicos e nos apócrifos (5) e principalmente nas catacumbas que tiveram a sua fonte as temáticas artísticas dos primeiros cristãos, obedecendo as das últimas a uma necessidade íntima de exprimirem nos túmulos os símbolos religiosos e as verdades da fé. Desenhados ou pintados quase sempre duma maneira tosca, esses símbolos, figuras e inscrições eram para eles muito significativos e constituem um manancial precioso — do ponto de vista histórico, religioso e artístico — dos primeiros séculos da Igreja. Sendo simples artistas amadores que melhor ou pior imitavam as decorações ou pinturas que os mestres da época faziam nos palácios dos imperadores romanos e dos ricos patrícios, as suas produções pobres, toscas e até mesmo grosseiras, são bem o símbolo da Igreja primitiva e pobre, fazendo exclamar a Malraux: "*Foram a imperícia e a pobreza que deram às Catacumbas o seu acento cristão*".

Nelas aparece já em símbolo e em figura a iconografia marial: o primeiro num fresco de Isaias que se encontra nas catacumbas de Priscila, onde um homem desenha uma estrela diante de uma mulher que aperta o seu filho contra o coração. Data do II século, sendo interpretado como profecia de Isaias — "*Uma virgem dará à luz um filho que se chamará Emanuel*" (7, 14); a segunda num fresco do *Caemeterium Majus*, na Via Nomentana de Roma. Data do século IV e apresenta uma figura de mulher com os braços levantados em gesto orante, à qual dão o nome de *Madona Nomenclana*, interpretando-a alguns como figura da Virgem Maria.

Há ainda o fresco da *Madona della Velatio*, também nas Catacumbas de Priscila. Data da segunda metade do século III, e é o mais belo de todos os frescos que se encontram nas referidas catacumbas, dizendo Malraux que "*o pintor que o executou foi o primeiro artista cristão*". Há quem veja nessa figura de mulher, que aleita o seu filho, a imagem da Virgem Maria, opinando outros críticos de arte, representar a *Igreja Mãe*. Reconhecendo o seu alto nível pictórico, acrescenta A. Stubbe que esta pintura "*é certamente a mais romana e a menos cristã das evocações femininas que ornaram as catacumbas*", por ser rica de adornos e de pose, mas pobre de transparência ou elevação mística.

Pode, pois, dizer-se que as catacumbas foram a semente da arte religiosa, inclusive da marial, difundindo-se depois pelos países da

Europa, da Ásia e da África. Assim como Jesus Cristo nasceu na Ásia, mas não foi a Ásia que O deu ao mundo mas a Europa, assim diremos também que a iconografia marial nasceu na Ásia, mas não foi a Ásia que a difundiu, mas sim a Europa, a partir do repositório da temática religiosa encontrada nas catacumbas de Roma.

Enquanto os ícones da Virgem Maria iam progressivamente desaparecendo no Oriente, por motivos atrás referidos, iam-se multiplicando os mesmos no Ocidente, a partir do século VI. Desde então, até ao século X, as imagens de Mãe de Deus, influenciadas pela arte de Bizâncio, eram hieráticas, quase transparentes de espiritualidade e desincarnadas da condição humana, em contraste com outras inspiradas ainda na arte grega clássica, mas exuberantes na sua indumentária e mais humanas ou mais próximas dos mortais.

Depois do século XI vieram as imagens de estilo romano ainda impregnadas de maneirismos orientais. As imagens deste estilo, renasceram após a invasão dos bárbaros, surgindo pinturas nos frontais de altar, nas paredes e nos vitrais. Apareceram, sucessivamente, as esculturas de Nossa Senhora por cima das portas das igrejas e nos altares, verificando-se, a partir do século XIII, uma maior humanização nas esculturas da Virgem Maria, que numas sorri, noutras se inclina, noutras parece escutar e dialogar com quem a invoca.

Sucedem-se, numa bela floração, os estilos gótico e renascentista, em que abundam célebres arquitectos, escultores e pintores marianos, produzindo obras de arte marial com marca de eternidade. Fra Angélico, Rafael, Rubens, Bellini, Boticelli, Van Der Weyden, Metsys, A. Dürer, L. Granaeh, Thierry, Giotto, Murillo, Greco, etc., deixaram-nos imagens da Mãe de Deus, que serão obras-primas para todos os séculos. Isto, a par das grandes catedrais marianas que surgiram por toda a parte, contando-se entre nós os magníficos templos de Santa Maria de Alcobaça, Santa Maria da Vitória, na Batalha e Santa Maria de Belém no Mosteiros dos Jerónimos. A partir do século XVI as imagens de N.ª Senhora movimentam-se com vestes ondulantes e ornatos ricos.

Multiplicaram-se assim por toda a parte as imagens da *Theotokos*, isto é, da Virgem Mãe de Deus, umas *sorridentes* a comunicar alegria, outras *meditantes* de olhos fechados, outras *orantes* de mãos postas e olhos fitos no céu, outras *triumfantes* rodeadas de anjos, outras *dolorosas* de rostos magoados e olhos chorosos, vinculadas à Paixão e Morte de Cristo, e tantas e tantas outras representando os vários mistérios da sua vida, os seus milagres, as suas aparções e as suas graças.

Se a arte documenta o progresso e a cultura dos povos, podemos também dizer que a arte religiosa de qualquer estilo testemunha, para

além disso, a fé das várias gerações. O idioma da sua mensagem, tal como o do sorriso, da música e das lágrimas é universal. A todos se dirige e todos o entendem perfeitamente.

4. A PRESENÇA DE MARIA NA IGREJA E NA SOCIEDADE é uma constante na História dos povos: constante, como *inspiradora de artistas, como formadora de cristãos-apóstolos e como vencedora das heresias e das crises de fé.*

I

Que a Virgem Mãe de Deus é *inspiradora de artistas*, proclamam-no não só as basílicas, as catedrais, as igrejas e as capelas que lhe são dedicadas, mas também os palácios nacionais, as casas dos antiquários e os museus repletos de arte religiosa e iconografia mariana, os quais, sem ela, ficariam empobrecidos, senão mesmo quase vazios.

Já atrás referimos os nomes de alguns artistas que nos legaram obras de inspiração marial em todos os estilos, não só nos tradicionais, ditos consagrados ou pelo menos festejados, mas também nos modernos — aliás todos os estilos são modernos em ordem ao seu tempo — embora quando aparecem com uma nova criatividade, suscitem ou provoquem reacções negativas da crítica e reprovação do público, senão mesmo escândalo, como sucedeu a Rembrandt, Van Gogh e até a Miguel Ângelo, este, com a pintura do *Julzo Final* na Capela Sistina.

Assim, sejam obras de inspiração intelectual ou instintiva, essas produções de arte marial das escolas ou correntes modernas — realismo, impressionismo, neo-impressionismo, simbolismo, intimismo, post-impressionismo, expressionismo, fauvismo, cubismo, futurismo, surrealismo, etc., — reflectem a par da pressão dos acontecimentos da época, a luta interior do artista, a sua emoção religiosa, a sua alma ou parte dela, a sua ansia de novidade, etc..

A mensagem que nos transmitem em arte religiosa, no nosso caso marial, umas vezes transparente de contemplação, outras vezes inacessível — talvez só o artista a entenda ou nem ele mesmo —, além de ser algo de novo, portanto não policopiado, a testemunhar a sua época, é também uma homenagem prestada à Virgem Mãe de Deus, em permuta de ser Ela a sua inspiradora.

O século XXI, que está prestes a nascer, e que segundo diz Malraux, é o do *"regresso de Deus"*, *saberá também estar presente na arte marial. De que forma? Certamente diferente, mas igualmente válida.*

II

Como formadora de cristãos, isto é, encaminhante para a fé e para o crescimento e revigoramento da mesma, até se atingir a estatura adulta

da corresponsabilidade eclesial, Maria é o guia inegalável. Assim como Cristo é o caminho para o Pai, Maria é o caminho para Cristo. Não obstante se dizer que os intelectuais encontram primeiro Cristo, seguindo d'Ele para Maria, ao contrário dos populares que vão por Maria Cristo — o poeta de Fiume, Gabriel d'Annunzio chegou mesmo a afirmar que não precisava de Maria para chegar a Deus —, não se pode absolutizar a expressão nem dar-lhe sentido único dogmatizante, porque vários intelectuais da altitude do poeta citado, como Psicari, Pitigrilli e outros encontraram e reencontraram Cristo através de Maria.

Na caminhada dos homens para Deus, Maria actua com *maternidade de presépio, de calvário e de cenáculo*, consoante os casos e os estados de alma:

a) *Maternidade de presépio*, porque Maria tornou-se Mãe de Cristo nesse lugar, e simultaneamente, Mãe espiritual dos homens, continuando, como tal, a exercê-la através dos séculos. É a maternidade de iniciação dos cristãos que têm de ser amamentados com o leite espiritual, pois não suportam nacos dogmáticos nem grandes raciocínios. Foi assim nos primórdios da Igreja e continua a ser assim no início da conversão dos homens para Deus;

b) *Maternidade de calvário*, porque Maria foi proclamada solenemente Mãe dos Homens junto da cruz do seu Filho agonizante no alto do Calvário — *"Mulher eis o teu filho"*, e a este, que era S. João: *"Eis a tua Mãe"* (Jo. 19, 26-27). Esta maternidade de calvário, como o próprio nome indica, tem a marca da dor física e moral, isto é, do sofrimento do corpo e da alma, portanto da doença, dos reveses, da perseguição, da solidão, do desânimo, das securas espirituais, da angústia, das tentações multiformes, enfim, de todos os momentos difíceis que as contingências da vida trazem ao homem neste mundo: — contingências que por vezes lhe dão a sensação de que não vale a pena lutar... que taceia sobre um sobrado apodrecido... que está á beira de um abismo... que vai mesmo naufragar... e... tudo está perdido! Maria, que experimentou a dor junto à cruz de Cristo seu Filho, estende maternamente a mão ao homem nas piótes conjujuradas, porque uma mãe preocupa-se principalmente com os filhos meros felizes e trabalha pela solução dos seus problemas. Pode Ela encorajar, minorar e solucionar, sempre numa perspectiva de salvação que escapa aos parâmetros do homem, como pode este recusar a ajuda da Mãe, por motivo de orgulho, desespero e não aceitação dos planos de Deus a seu respeito;

c) *Maternidade de cenáculo*, pois foi no Cenáculo que nasceu oficialmente a Igreja, depois da descida do Espírito Santo sobre Maria e

os Apóstolos, tendo estes partido imediatamente à conquista do mundo para Cristo. Ali, presidindo à oração comunitária, se tornou Maria Mãe da Igreja nascente, como se logo à nascença ela não pudesse passar sem Mãe. Quase vinte séculos depois o Concílio Vaticano II, na 3.ª Sessão, proclamou-a solenemente como tal, pela voz de Paulo VI, nestes termos: "... Portanto, para glória da Virgem e para nosso conforto, proclamamos Maria Santíssima, Mãe da Igreja, isto é, de todo o povo de Deus, tanto dos fiéis como dos pastores, que lhe chamam Mãe amorosíssima; e queremos que com este título suavíssimo seja a Virgem doravante ainda mais honrada e invocada por todo o povo cristão".

Esta maternidade de cenáculo é aquela que faz dos cristãos verdadeiros apóstolos do Reino de Deus: conscientes, dinâmicos e inquietos perante Deus, perante si mesmos e perante o próximo, sendo a ela que se referia Ernesto Psicari, quando dizia: "tenhamos a ansia não só de sermos melhores, mas também de tornarmos melhores os outros". É a ascética certa. Tornar-se cada um melhor sem irradiar à sua volta, é cair no narcisismo ou fechar-se como concha, assim como tornar melhores os outros sem se melhorar a si mesmo, é tombar no activismo ou na "heresia das obras, como lhe chamou o Cardeal Mermillot". O quietismo e o activismo não cabem na maternidade de cenáculo. Tanto um como outro são reprovados pela Igreja que é a sociedade dos filhos de Deus agindo no meio dos homens como o fermento na massa. Se o fermento existe em razão da massa, esta, para levedar, não dispensa o fermento. Assim, cada qual *há-de ser e há-de actuar* no meio da sociedade em ordem ao bem comum da mesma sociedade. Cada qual, pois é fermento de si mesmo, enquanto se autoevangeliza ou converte, tornando-se assim "pai de si próprio", como é também fermento dos outros na medida em que contribui para a evangelização dos mesmos, tornando-se reciprocamente massa enquanto deles recebe algo de positivo em anúncio de palavra, testemunho e acção. Daí a expressão de E. Mounier: "Não existo a não ser na medida em que existo para o outro". Isto, tornado recíproco, compromete todos os homens. A expressão talvez pareça exagerada se a restringirmos ao homem, mas não o é aplicada ao cristão. E este sabe e sente que é assim mesmo, quando age sob o signo da Virgem Maria e tocado pela sua maternidade de cenáculo.

III

Como vencedora das heresias, a Mãe de Deus intervém na condução da história, dizendo-nos Daniel Rops que "o culto marial está associado a toda a história da nossa sociedade cristã ocidental e faz corpo com ela...".

Acrescentaremos: que o culto marial não só está ligado a toda a história da sociedade cristã ocidental, mas à de todo o mundo, embora mais intensamente à ocidental. Quer dizer que o culto marial faz corpo com a história, e fazer corpo com a história, que é universal, é fazer um todo, na medida em que esse todo é influenciado pela intervenção de Maria no pensamento, na arte, na literatura, na piedade e nos costumes.

Nos fins do século IV, como atrás referimos, desenha-se no Oriente uma certa hostilidade para com o culto marial, hostilidade que aborta em heresia nestoriana no século V. A resposta-reação não se fez esperar não só por parte do povo cristão, mas também por um grupo de escritores marianos de alto nível, tanto do Oriente como do Ocidente, alguns dos quais já atrás referimos. Multiplicam assim os livros, os ícones e as esculturas da Virgem Maria, como formas de presença.

No século XIII, Maria inspira a S. Domingos de Gusmão a reza do Rosário para combater a heresia albigense.

Três séculos mais tarde, repete-se o fenómeno anti-marial, partindo dos reformadores protestantes, por acharem exagerado o culto prestado à Mãe de Deus, em oposição a S. Bernardo, que afirmava: "nunca se diz demais da Virgem Maria". A reacção a esta hostilidade marial, aparece na construção das grandes catedrais marianas com as belas esculturas titulares, e nas peregrinações a pé a esses santuários, feitas por multidões de crentes. Para redimir a Idade Média, tão caluniada, bastariam, a meu ver, as grandes catedrais que então se contruíram e as peregrinações em massa que se efectuaram com grande fervor e a pé.

No século XIX, em plena euforia racionalista — endeusamento da razão e recusa do divino — a Mãe de Deus aparece em Lá Salette em 1846, e em Lourdes em 1858, confirmando a definição dogmática da Imaculada Conceição em 1854. Lourdes torna-se um santuário mundial, acozendo a ele multidões de crentes dos vários continentes. Os milagres que ali se verificam e a fé vibrante e actuante dos fiéis são a resposta ao racionalismo da época. *É a Virgem Maria em acção*.

No século XX — para o qual o poeta dos abismos, Frederico Nietzsche, marcou como certa "a morte de Deus", multiplicam-se as intervenções da Virgem Maria na sociedade, através de aparições e revelações. Nossa Senhora de Beauraing, Nossa Senhora de Hamieux, Nossa Senhora de Umbe, Nossa Senhora da Aparecida, bem como várias das suas imagens que derramam lágrimas na Itália, nos Estados Unidos da América e em Espanha sem qualquer explicação humana, são, não apenas uma lutada de espírito religioso num mundo ateu, mas um pentecostes marial para que o mesmo mundo não se afunde no abismo.

Entre as várias aparições de Nossa Senhora no século XX, ocupa

lugar de relevo a de Fátima, ocorrida em Maio de 1917 como resposta à heresia comunista nascida nesse mesmo ano na Rússia, heresia que é um resumo de todas as outras que a precederam na história da humanidade. Multidões inumeráveis de cristãos, vindas dos cinco Continentes, afirmam o seu credo numa "explosão de fé", como disse Claudel, respondendo assim ao ateísmo e ao materialismo comunistas. Maria, Mãe de Deus, nas suas mensagens, vem repetir o Evangelho de seu Filho e intensifica-as nos piores momentos da civilização dos povos. É a sua missão de Mãe.

Com razão, Daniel-Rops, abordando este tema, se exprime assim: "Quanto mais uma civilização tem avançado pelos caminhos catastróficos que a conduziram ao ponto onde ela se encontra, tão perto do abismo, mais ela tem, por uma reacção de defesa de alma, aprofundado o sentido da mensagem de Maria e meditado as suas lições. Foi no próprio momento em que os Filósofos conduziam a rebelião da inteligência contra o divino que a piedade renovou as formas das devoções mariais, espalhou o Mês de Maria e preparou a formulação dogmática da Imaculada Conceição. Esta formulação é exactamente contemporânea de Taine e de Renan como de Karl Marx e de Engels. E foi em pleno ambiente de grande recusa que o dogma da Assunção foi dado aos cristãos com a intenção evidente de um desmentido ao materialismo do tempo".

Tudo isto prova, à evidência, a presença de Maria na Igreja e na sociedade através dos séculos, e, com especial insistência, nos tempos mais críticos de heresia e materialismo, confundindo assim a arrogância dos pseudo-teólogos da "morte de Deus" e dos profetas da desgraça ou do abismo de todos os tempos.

Além de Nietzsche já referido, que por alturas de 1882, proclamou a "morte de Deus", tendo ele próprio morrido louco em 1900, conta-se Diocleciano que no ano de 305, depois de ter inundado Roma com o sangue de cristãos, mandou cunhar moedas com esta legenda: "Em memória do cristianismo desaparecido".

Quem desapareceu foi ele, o cristianismo ficou, floriu, e frutificou, difundindo-se por toda a parte.

Também Juliano, chamado o apóstata, quis seguir as pisadas de Diocleciano, como profeta da desgraça e exterminador dos cristãos. Após ter levado a cabo a pior das perseguições contra os cristãos, caiu na batalha contra os Partos, varado por uma seta inimiga. Ao ver-se a braços com a morte, num grito de raiva e desespero, arremessou o seu sangue contra o céu, exclamando: "Venceste Galileu".

Também foi ele que morreu e desapareceu, quando julgava cantar vitória contra Cristo.

Voltaire empareceiro com os falsos profetas, quando em 1738

afirmou peremptoriamente: "Dentro de vinte anos desaparecerá o Galileu".

Foi ele que desapareceu precisamente 20 anos depois, em 1758, já lá, vão mais de dois séculos!

A ironia dos vaticínios dos homens quando tentam meter-se com Deus!

Proudhon alinhou com os referidos corifeus, quando afirmou: "As almas piás tomem o passaporte adiantado, porque dentro de dez anos não haverá um só padre que lhes administre os sacramentos".

Também entre nós portugueses não faltou nos primórdios deste século - nós andamos sempre atarazados - quem profetizasse o desaparecimento do cristianismo no espaço de duas gerações.

Todos os que assim vaticinaram desapareceram, permanecendo o cristianismo cada vez mais incrementado pelas aparições da Mãe de Deus, respondendo desta maneira aos ataques dirigidos contra o seu Filho e a sua Igreja, principalmente nos séculos XVIII, XIX e XX, em que a sanha inimiga se manifestou com arremetidas mais lúbricas e diabólicas bem leitadas.

É o mistério de Maria em actuação na humanidade através do seu Imaculado Coração. Sim, porque Maria é Mãe de Cristo e Mãe espiritual dos homens, e o mistério da Mãe é essencialmente o mistério do coração: AMAR OS FILHOS.

lugar de relevo a de Fátima, ocorrida em Maio de 1917 como resposta à heresia comunista nascida nesse mesmo ano na Rússia, heresia que é um resumo de todas as outras que a precederam na história da humanidade. Multidões inumeráveis de cristãos, vindas dos cinco Continentes, afirmam o seu credo numa "explosão de fé", como disse Claudel, respondendo assim ao ateísmo e ao materialismo comunistas. Maria, Mãe de Deus, nas suas mensagens, vem repetir o Evangelho de seu Filho e intensifica-as nos piores momentos da civilização dos povos. *É a sua missão de Mãe.*

Com razão, Daniel-Rops, abordando este tema, se exprime assim: "*Quanto mais uma civilização tem avançado pelos caminhos catastróficos que a conduziram ao ponto onde ela se encontra, tão perto do abismo, mais ela tem, por uma reacção de defesa de alma, aprofundado o sentido da mensagem de Maria e meditado as suas lições. Foi no próprio momento em que os Filósofos conduziam a rebelião da inteligência contra o divino que a piedade renovou as formas das devoções mariais, espalhou o Mês de Maria e preparou a formulação dogmática da Imaculada Conceição. Esta formulação é exactamente contemporânea de Taine e de Renan como de Karl Marx e de Engels. E foi em pleno ambiente de grande recusa que o dogma da Assunção foi dado aos cristãos com a intenção evidente de um desmentido ao materialismo do tempo.*"

Tudo isto prova, à evidência, a presença de Maria na Igreja e na sociedade através dos séculos, e, com especial insistência, nos tempos mais críticos de heresia e materialismo, confundindo assim a arrogância dos pseudo-teólogos da "morte de Deus" e dos profetas da desgraça ou do abismo de todos os tempos.

Além de Nietzsche já referido, que por alturas de 1882, proclamou a "morte de Deus", tendo ele próprio morrido louco em 1900, conta-se Diocleciano que no ano de 305, depois de ter inundado Roma com o sangue de cristãos, mandou cunhar moedas com esta legenda: "*Em memória do cristianismo desaparecido.*"

Quem desapareceu foi ele, o cristianismo ficou, floriu, e frutificou, difundindo-se por toda a parte.

Também Juliano, chamado o apóstata, quis seguir as pisadas de Diocleciano, como profeta da desgraça e exterminador dos cristãos. Após ter levado a cabo a pior das perseguições contra os cristãos, caiu na batalha contra os Partos, varado por uma seta inimiga. Ao ver-se a braços com a morte, num grito de raiva e desespero, arremessou o seu sangue contra o céu, exclamando: "*Venceste Galileu!*"

Também foi ele que morreu e desapareceu, quando julgava cantar vitória contra Cristo.

Voltaire emparceirou com os falsos profetas, quando em 1738

afirmou peremptoriamente: "*Dentro de vinte anos desaparece Galileu.*"

Foi ele que desapareceu precisamente 20 anos depois, em 1758 vão mais de dois séculos!

A ironia dos vaticínios dos homens quando tentam meter-se Deus!

Proudhon alinhou com os referidos corifeus, quando afirmou *almas piás também o passaporte adiantado, porque dentro de dez, não haverá um só padre que lhes administre os sacramentos.*"

Também entre nós portugueses não faltou nos primórdios século nos andamos sempre atrasados quem profetiza desaparecimento do cristianismo no espaço de duas gerações.

Todos os que assim vaticinaram desapareceram, permaneceu cristianismo cada vez mais incrementado pelas aparições da Mãe de Deus, respondendo desta maneira aos ataques dirigidos contra o Filho e a sua Igreja, principalmente nos séculos XVIII, XIX e XX que a sanha inimiga se manifestou com arremetidas mais furibundas diabolicamente bem leitadas.

É o mistério de Maria em actuação na humanidade através do Imaculado Coração. Sim, porque Maria é Mãe de Cristo e espiritual dos homens, e o mistério da Mãe é essencialmente o mistério do coração: AMAR OS FILHOS.